

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 924	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 28 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, (m. forte)	33800	16900	8950	\$120	30 DE AGOSTO DE 1904	
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28000	—	—		



JOSÉ MARQUES LOUREIRO

Chronica Occidental

Já vamos no fim de agosto. Vi, ha dias, a lua famosa erguer-se devagarinho por detraz do arvoredado na serra de Cintra. Que formosura de noite!

E queixa-se a gente de não haver em que falar! A culpa é nossa; é porque não queremos sahir d'este pontinho microscopico, chamado Lisboa, n'um grãosinho de areia que se chama a Terra. Não fóra isso, verão e inverno, outomno e primavera, nunca o assumpto faltaria, e de que belleza muita vez!

Mas quê! O preciso é contar o que se passa pelo Rocio, Avenida ou Chiado, o que succedeu na Arcada, o que se rosnou nas secretarias de estado, o que já rebentou ou, melhor ainda, está por rebentar, que se disse e se desdisse; o preciso é falar de politica e de high-life, e de desastres e de coisas artisticas, ainda que a politica pouco interesse, ainda que o high-life seja de quarto de tijella, e os desastres não passem de algumas cabeças partidas e as coisas artisticas se resumam n'um crochê de menina de collegio.

Ora, francamente, não seria mais agradável sobretudo para mim, descrever a lua de agosto a espreitar por entre os pinheiros de Cintra, o que até poderia metter uns versos, do que vir contar aqui como foi que um

gatuno, com atrevimento digno de melhor feito, palmou ha dias a carteira d'um cavalheiro respeitavel, em plena Lisboa e em pleno dia?

Se a terra nos não dá coisa alguma que interesse, porque não haveriamos, com a *Astronomia Popular* de Flammarion na mão, de alardear uma erudição-sinha, falando da lua e dos planetas e das constellações?

Se a terra é tão somitica em agosto, porque não appellar para o ceu, sempre tão generoso, sempre disposto a espalhar sobre nós os fulgores de seus diamantes? Mas tal não é permittido.

Não havemos de sahir d'aqui, e, se em casa não houver prata com que nos sirvamos, aprenderemos a manejar aquelle metal relles com que se fazem colheres e que já serviu aos moedeiros falsos para fazerem placas de cinco tostões.

Com um bocadinho de fantasia tudo se consegue; o caso é poder-lhe fornecer umas azitas, o que nem sempre é facil pelo calor torrido d'estes ultimos dias, mais depressa conciliando o somno para uma sesta do que disposto a esporear a imaginação.

Até parece que os proprios inventores de patranhas sobre a guerra russo-japoneza teem esmorecido ultimamente. Apenas, uma ou outra vez, um telegramma annunciando algum boato da rendição de Porto-Arthur; mas geralmente contentam-se em asseverar que está para muito breve o combate decisivo.

Ultimas noticias affirmam as boas disposições do imperador da Alemanha para a iniciativa d'uma mediação entre os combatentes, no que deverá



MONUMENTO A JOSÉ MARQUES LOUREIRO, NO JARDIM DA CORDOARIA DO PORTO, INAUGURADO EM 20 DO CORRENTE

(Cliché da photographia Guedes)

ir de acordo com a Inglaterra. Espera para isso o resultado do proximo combate que deverá ser decisivo.

Entretanto japonezes e russos vão morrendo aos milhares.

Pois não seria muito mais agradável, em vez de falarmos de atrocidades indignas d'um seculo que Victor Hugo sonhou dever ser o da paz e da fraternidade, voarmos com os poetas e astrónomos pelo céu da noite e contarmos de Jupiter e do Setestrello e das montanhas da Lua e do anel de Saturno? Não, srs; havemos de falar da guerra que se está dando e também das guerras possíveis e, a esse proposito, da revista dos reservistas no hippodromo de Belem e das manobras do outono, que são afinal o grande acontecimento da semana.

Vai já grande movimento pelas terras mais visinhas do Bussaco. A Rainha, sr.^a D. Amelia, assistirá ás manobras, devendo partir de Cintra no proximo dia 3 de setembro. O palacete que o estado possui no Bussaco está sendo devidamente preparado.

Haverá, diz-se, uma missa campal, de que será provavelmente celebrante o sr. Bispo-Conde. As cidades de Coimbra e da Figueira despovoam-se n'esse dia. E' que toda a gente, mais ou menos, gosta d'estes espectaculos militares. E' como n'aquella peça alegre *Guerra em tempo de paz* que tantas vezes foi apresentada no theatro de D. Maria.

Bem vai quando militanças só lembram alegrias. Mesmo cá em Portugal, nem sempre assim succede, e as guerras em Africa teem custado muitas lagrimas. Agora é o gentio do Oio que vai ser castigado. Quando terá Victor Hugo razão?

Ha tempos, salvo erro, mostravamos aqui o contraste que ha entre os que trabalham por prolongar a vida da humanidade, medicos e outros homens de sciencia — porque Pasteur, por exemplo, não era medico — e aquelles cujo engenho apenas se applica a achar meios de mais rapida destruição. Iamos pelos primeiros.

Pois também hoje iremos pela Real Sociedade de Horticultura. Não é bem a mesma coisa, nem me parece que tanto como um sabio em microbiologia valha um criador de grão de bico ou d'uma duzia de pecegos carecas; mas, innegavelmente mais lhes deve a humanidade que ao engenheiro constructor d'um novo torpedeiro.

Brillat Savarin ligava maior consideração ao inventor de qualquer novo prato famoso que ao pintor de qualquer tela genial; porque este era para poucos e o cozinheiro trabalhava para o mundo inteiro e para a posteridade.

A exposição realisada na nova instalação da Real Sociedade, na rua de S. José, foi concorridissima. A disposição era ornamental e foram muitos os premios distribuidos.

Já que não nos querem dar licença para falar das estrellas, descancemos uns minutos contemplando flores e fructos.

Este mez de agosto foi mal escolhido pelo talentoso redactor do *Heraldo* de Madrid para sua visita a Lisboa. Nunca a nossa capital esteve mais solitaria mais desanimada. Ainda assim, encontrou elle ensejo para lindas descripções e foi com-nosco por tal forma amavel que não podemos deixar de lh'o agradecer vivamente.

D. Luiz Morote partiu no sabbado para o Porto, d'onde irá ao Luso entrevistar o sr. conselheiro Emigdio Navarro. Seguirá depois para Galla, demorando-se ainda no Porto uns dois dias.

Na capital do norte, ou pelo menos nos seus arredores, encontrará muito maior animação do que entre nós. Aqui, para saber, se os do sul também somos alegres, teria que metter-se no comboio e ir até Bellas, ao Senhor da Serra, ou ainda melhor, embarcar n'uma fragata e dar um passeio até á Senhora da Atalaia.

Então, sim, teria visto o povo em suas mais vivas expansões e talvez desse por justiceira a referencia que na operetta *Noite e Dia* o librettista faz á alegria dos portugueses.

São duas festas tradicionais. O Tejo anima-se n'estes dias com a quantidade de cirios que embarcam para Aldeia Gallega, e por todas as estradas que vão dar á Bellas é constante o movimento de carruagens e de carros enfeitados. Os comboios são uns apoz outros na linha de Cintra e todos vão apinhados.

E de mais festas e mais romarias se fala para o proximo setembro, d'esta banda e da outra do Tejo, em Alges, no Dafundo, em Porto Salvo, na Moita.

Até Arronches, lá tão longe, no fundo do Alemtejo, deu que falar pelas festas que lá se realisaram e que foram abrihantadas pela banda do regimento hespanhol de infantaria 16, aquartelado em Badajoz.

Aproveitando esta animação que vai pela provincia, algumas companhias theatraes se organizaram que por todo Portugal andam passeando, colhendo loiros e proventos. Andam outras pelo Brazil e as noticias são optimas que de lá mandam: dinheiro e saúde. Os jornaes brasileiros fazem os maiores elogios ao actor Ignacio. Ainda bem, pois o consideramos um dos artistas portugueses de mais largo futuro.

Lisboa está pobresinha de theatros. Apenas Sousa Bastos se tem afoitado, e com exito, contra o calor. Brevemente abrirão suas portas os theatros da Trindade e do Principe Real, onde funcionarão as companhias dirigidas por Affonso dos Reis Taveira, um muito sympathico empresario, e José Ricardo, o nosso melhor actor de opera comica.

D'aqui a pouco mais de mez e meio estarão funcionando todos os theatros de Lisboa, com excepção de S. Carlos. Toda a sociedade elegante irá recolhendo a capital, as ruas animar-se-hão a pouco e pouco, entrando no movimento do inverno, e talvez este anno ainda um pouco mais cedo, por motivo da abertura das camaras no dia 29 de setembro.

Então a politica dará muito que falar, voltarão os cavacos da Arcada e da Casa Havana, as mezas redondas dos hoteis discutir-se-hão os snrs. Hintze, José Luciano e João Franco, e todos haverão esquecido a semsaboria de Lisboa em agosto e a belleza do céu estrellado, unico recurso dos chronistas quando lhes dá sueto o noticiario.

João da Camara.

PERDIDA

Mulher! que triste e desolado meio!
Como quizesse semelhante agrura,
E preferiste o fêl d'uma amargura,
Deixando-te cahir no abysmo feio?

Formosa face, palpitante seio,
Toda tu eras virginal candura,
Suave olhar, celeste formosura,
Embragante, no scismar, no anseio!

Quebrou-se o encanto! O sonho ell-o desfeito!
Melhor não fôra a morte que a levasse,
De tanta dôr desopprimindo um peito?

Antes o Sol ardente a calcinasse,
A' torpeza roubando-a sem respeito,
E lagrimas de pêssego lhe evitasse.

D. Francisco de Noronha.

Monumento a Marques Loureiro

No jardim da Cordoaria, do Porto, fez-se no dia 20 do corrente a inauguração solemne do monumento ao notavel horticultor Marques Loureiro.

Pela numerosa assistencia, que concorreu ao acto, viu-se quão vivos estavam ainda na memoria de todos os portuenses os serviços relavantissimos por Marques Loureiro prestados ao paiz, já embelezando os jardins com as plantas mais notaveis e raras, já enriquecendo os pomares e os bosques com o que de mais conhecido e util se cultivava lá fóra.



JOSÉ DUARTE D'OLIVEIRA

O monumento foi levantado por iniciativa de um grupo de amigos de Marques Loureiro, entre

os quaes se contam os srs. José Duarte d'Oliveira e Bento Carqueja, que maior empenho poseram para este poder ser levado a effeito. O projecto do monumento é de Teixeira Lopes, que deixou n'esse trabalho uma das suas mais inspiradas revelações de escultor exímio, especialmente na forma como elle symbolisou no marmore, na figura de uma mulher dos campos, a Flora portueza.



BENTO CARQUEJA

Falou por parte da commissão o sr. Bento Carqueja, do nosso collega *Commercio do Porto*, fazendo o elogio de Marques Loureiro e terminando pela entrega do monumento á Camara Municipal.



ENTREGA DO MONUMENTO PELA COMMISSÃO
A MUNICIPALIDADE
(Instantaneo do sr. Aurelio da Paz Reis)

O presidente do municipio, sr. Sousa Avindes, agradeceu á commissão e louvou-a pela iniciativa d'aquelle monumento, justo preito tributado á memoria de um portuguez prestante e bom, e ao mesmo tempo mais uma obra d'arte do talento de Teixeira Lopes a enriquecer a cidade do Porto. Falou ainda o sr. Alfredo Moreira da Silva, vice-presidente da União dos Jardineiros do Porto, o qual terminou por offerecer a Teixeira Lopes um ramo de flores naturais enlaçado por uma fita de seda, em que se lia: «Ao grande escultor Teixeira Lopes offerece a União dos Jardineiros do Porto.»

Terminou o acto pela leitura do auto de entrega, feita pelo sr. José Duarte d'Oliveira, e que em seguida foi assignado por todos os presentes.

José Marques Loureiro era natural de Besteiros, districto de Vizeu, onde nascera em 1829 e d'ahi, apenas com o conhecimento muito rudimentar da lingua portugueza e contando quinze annos de idade, foi para o Porto, que adoptou como sua terra natal e que lhe perpetuou agora o nome, que elle soube engrandecer e tornar digno d'essa immorredoura homenagem.

O seu apprendizado de horticultor foi de tal maneira distincto, e por tal forma se insinuou no espirito do seu chefe, que este cedeu-lhe o esta-

belecimento ao qual dedicou toda a sua actividade e intelligencia.

A obra de Marques Loureiro comprehende cincoenta annos de trabalho honesto, labutando dia a dia, vendo, inquirindo, estudando, visitando o estrangeiro e colhendo dos seus livros e dos seus parques o que nos fosse util, necessario e proveitoso.

O que essa obra teve de productiva escreveu-o o sr. Duarte de Oliveira no *Jornal Horticola Agricola*, no numero de homenagem a José Marques Loureiro, de junho de 1898.

Em 1865, concorrendo á exposição internacional realisada no Palacio de Crystal, obteve Marques Loureiro um exito brilhantissimo, sendo a sua colleção uma surpresa para a propria cidade, que não sabia ter dentro dos seus muros tantas preciosidades.

«El-Rei D. Fernando tinha perdileção especial pelo illustre extinto e nunca foi ao Porto que não visitasse a *Quinta das Virtudes*, o Horto de Marques Loureiro; e El-Rei D. Luiz tinha até como praxe estabelecida ser a sua primeira visita ao estabelecimento Loureiro, onde em geral se demorava bastante tempo, admirando todas as suas preciosidades horticolas e conversando affavelmente com o proprietario.»

Outra surpresa foi o primeiro catalogo de Marques Loureiro, em que appareceram trinta e quatro variedades de laranjeiras e setecentas e cincoenta de camélias.

Tinha vastos conhecimentos de pomologia, de que deu evidentes provas no Congresso Pomologico de 1879, elucidando os mais obscuros pontos da discussão.

A comissão promotora do Congresso foi Marques Loureiro quem prestou as melhores e maiores informações. Fundou com o sr. Duarte d'Oliveira o *Jornal de Horticultura Pratica*, que nos vinte e tres annos da sua existencia prestou valiosos serviços á Agricultura, e foi tambem da sua iniciativa o desenvolvimento da planificação de muitas essencias florestaes, das novas videiras, das preciosas plantas forraginosas. De 1865 a 1889 obteve vinte e dois premios nas vinte e duas exposições a que concorreu no Porto e em Lisboa, entre os quaes contava trinta e sete medalhas de ouro.

Marques Loureiro que foi, inquestionavelmente, uma das mais notaveis organisações para o trabalho, dotado de um espirito lucido, emprehendendo e persistente na lucta, não conhecendo de desalento, vencendo todas as contrariedades, desde 1890, após uma curta enfermidade que lhe abateu o corpo e o espirito, resolveu liquidar o negocio, passando o estabelecimento a uma parceria que se organisara sob a denominação de Real Companhia Horticola-Agricola Portuense, e na qual elle entrou como director. Oito annos depois, a 14 de junho de 1898, José Marques Loureiro deixava de existir, contando sessenta e oito annos de idade, e tendo deixado da sua passagem na vida quanto de util pode deixar um homem sabio, honesto e bom.

Marques Loureiro era socio honorario da Associação Rural do Uruguay e socio correspondente da Sociedade Protectora dos Animas e Plantas de Cadiz.

A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

Esta exposição é denominada em toda a parte a *feira do mundo*, porque até hoje ainda nada tão grandioso, mais opulento, nem extraordinario se tinha realisado, ou sequer concebido neste genero.

E' costume attribuirmos á America do Norte tudo quanto é fabuloso, inconcebivel, e dizemos até, inverosimil.

Paiz dos grandes inventos e dos espiritos verdadeiramente emprehendedores, onde os capitães accodem promptos á realisacão das mais arrojadas empresas, nenhum tambem o excede no horivel como no grandioso.

As catastrophes que ali succedem não teem equivalentes em parte alguma do mundo. Os incendios devastam bairros inteiros, as explosões são verdadeiras hecatombes, os descarrilamentos dão a morte a milhares de victimas. Mas coragem, valor, dinheiro, administração publica, brios de potencia de primeira ordem, com exercitos que surdem do chão como formigueiros e esquadras que apparecem de todos os lados, como se viu na guerra de Cuba, só a America nos offerece e só ella com a sua varinha magica pode realisar.

Que admira, pois, que a exposição de S. Luiz seja a mais colossal do mundo?

S. Luiz é cidade americana e das mais importantes. Só fabricas tem cinco mil e affiançam-nos que tudo n'ella é avantajado e proporcional com a sua industria e o seu commercio.

A exposição de S. Luiz commemora o Centenario da compra de Luisiana á França por quinze milhões de dollars.

A superficie dos terrenos occupados pelas construcções no Forest-Park é de quatrocentos e noventa e seis hectares.

Basta este numero para vos dar a ideia, ainda que vaga, da grandiosidade d'esta exposição, que comprehende quinhentos edificios, afóra os quinze grandes palacios, destinados á installação dos diversos grupos classificados.

Os fundos para occorrer ás despezas da Exposição tiveram a seguinte proveniencia:

Cinco milhões de dollars votados pelo Congresso;

Cinco milhões de dollars subscriptos pelos habitantes de S. Luiz;

Cinco milhões de dollars producto d'uma emissão de bonds, feita pelo primeiro municipio da Luisiana.

A Exposição de S. Luiz conta noventa e tres directores, tendo uma commissão executiva presidida pelo sr. David R. Francis, actual presidente da Luisiana.

O grande certamen contém oitocentas e sete classes e cento e quarenta e quatro grupos, obedecendo a um plano de organisação geral em que figura a *Educação* — *Arte* — *Artes liberaes* — *Manufacturas* — *Machinas* — *Electricidade* — *Transportes* — *Agricultura* — *Horticultura* — *Florestas* — *Minas e Metallurgia* — *Caça e Pesca* — *Antropologia* — *Economia Social e Physica*.

Obedece ao plano da Exposição a realisacão d'um Congresso em que só serão feitos discursos e em que será exposto o estudo de todas as sciencias de ha um seculo para cá, e as relações de cada uma com as sciencias visinhas.

Essas materias serão tratadas em cento e quarenta e oito discursos, por um sabio de cada nação europeia e dois sabios americanos.

Para a escolha dos sabios europeus, os professores da Universidade, em Washington, discutiram largamente os titulos dos candidatos mais illustres em cada um dos ramos da actividade scientifica na Europa.

Na Exposição de S. Luiz estão representados a Inglaterra, França, Allemanha, Italia, Australia, Filipinas, Republica Argentina, Chile, Uruguay, Paraguay, Bolivia, Peru, Equador, Columbia, Venezuela, America Central, Cuba, Brazil e Portugal.

Cada Estado da União tem na Exposição o seu pavilhão especial, e cada uma das mais ricas nações estrangeiras construiu tambem o seu palacete.

A inauguração realisou-se no dia 4 de abril com a assistencia do presidente David Francis, porém as installações portuguezas só foram inauguradas no dia 22 de junho, assistindo o presidente do *grande comité* que lhes fez uma detida vizita e as mais lisongueiras referencias, ao representante de Portugal, sr. Cincinato da Costa, da nossa exposição agricola.



CINCINATO DA COSTA

Não se julgue, porém, que a conclusão das nossas installações ficou para ultimo logar. A data

em que ellas foram inauguradas, ainda muitas das estrangeiras estavam por concluir e algumas ainda não principiadas.

Deve-se isso de certo ao nosso representante e á presteza com que os expositores portuguezes enviaram os seus productos, no que demonstraram que os industriaes e os commerciantes comprehenderam já todas as vantagens que podem ser tiradas com a representacão dos seus productos em certamens, que, como este, deixam nome em todo o mundo!

PALAZZOLA

(Convento Portuguez na Italia)

MONOGRAPHIA PELO VISCONDE DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

Em uma bella edição de 272 páginas de grande formato, e 3 de dedicatória a S. M. El Rei D. Carlos, dá o sr. visconde de S. João da Pesqueira larga noticia illustrada de primorosas gravuras, de um convento portuguez, na encosta da montanha da pittoresca e ao mesmo tempo melancolica Palazzola, onde outr'ora fóra a antiga Alba-Longa, a grande cidade do Lacio e que precedeu cinco seculos a fundação de Roma.

Fomos dos contemplados com este primoroso livro, — de que apenas se tiraram 200 exemplares e 12 numerados, — o que muito reconhecido agradecemos ao auctor.

Devidio o sr. visconde de S. João da Pesqueira a sua obra em 1 prologo e 11 capitulos: *Alba-Longa*, *O Monte Albano*, *O Mausoleu Consular de Palazzola*, *O Convento de Palazzola*, *Dom Frei José Maria da Fonseca e Evora*, *A reedificação do Convento*, *O Convento de Palazzola e a corôa portugueza*, *Palazzola moderno*, *Conclusão*, *Documentos*, *Bibliographia*.

Nenhum portuguez que se demore em Roma alguns dias deixará de visitar o convento de Palazzola, distante apenas uns 15 kilometros da velha cidade. Foi o que aconteceu ao sr. visconde de S. João da Pesqueira quando ali esteve na embaixada portugueza junto do Vaticano.

Visitou o convento, cuja fabrica admirou tanto como as bellezas do sitio onde está edificado, e d'ahi nasceu o desejo de conhecer a historia d'aquella casa religiosa e de a relatar n'uma substancial monographia aos seus compatriotas, a quem deve interessar tanto como a elle, tratando-se de honrar o nome portuguez.

Não se limitou, porém, o auctor á exclusiva monographia do convento; alargou mais os seus estudos; foi buscar a origem a Alba-Longa e a Monte Albano, de que conta rapida historia, e descreve o mausoleu d'um consul romano, que ainda hoje se admira como o mais notavel monumento da Italia pela antiguidade, nas faldas do Monte Albano, junto ao qual uns pobres frades fundaram modesta casa religiosa dedicada a *Sant.: Maria delle Neve*, no seculo XIII.



BRASÃO D'ARMAS
DE D. FREI JOSÉ MARIA DA FONSECA E EVORA

Foi esta a origem do Convento de Palazzola que, tendo passado por varias vicissitudes do tempo e dos homens foi, no seculo XVIII restaurado desde seus fundamentos e ampliado por frei José Maria da Fonseca e Evora, um santo varão natural d'Evora, e que reunia ás virtudes de seu coração os dotes de intelligencia, o que lhe valeu confiarem-lhe altas missões do Estado,

tendo nomeado embaixador junto da Santa Sé e mais tarde Bispo do Porto, merecendo sempre as boas graças de El-rei D. João V, que muito o auxiliou em suas obras piedosas com sua magnanima generosidade.

Com esta protecção e com valimento proprio poudo fr. José da Fonseca e Evora reedificar um convento franciscano em Cappocia, na Italia; fundar a Bibliotheca Eborense, no convento de Aracoeli, em Roma, onde habitou enquanto embaixador de Portugal, e reconstruir desde os fundamentos o convento de Palazzola dispendendo cerca de 80:000 escudos romanos.

Frei José da Fonseca d'Evora, apesar de todo o seu valimento, nunca deixou sua humildade franciscana, pois com receio acceitou as altas missões de que foi encarregado e até a de bispo do Porto, de que pouco se gosou, por sua saúde abalada, deixou na Italia boa memoria de seu nome por suas obras que tanto o honraram a elle como a Portugal.

O sr. visconde de S. João da Pesqueira não só investigou tudo o que havia sobre o convento de Palazzola, como reuniu dados importantes sobre a vida do seu reedificador do século XVIII.

Contestados tem sido por vezes os direitos de Portugal sobre os domínios de Palazzola, e ainda não ha muito, questões se levantaram sobre isso; graças porém aos bons officios do ministro portuguez em Italia, o sr. conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos, esses direitos estão hoje bem assegurados para o nosso paiz, e Palazzola é um pedaço da nação portugueza, como joia preciosa cravada no seio da Italia.

Diz o sr. visconde de S. João da Pesqueira: «Posto a dois passos de Roma, junto da morada estival dos Papas, n'um sitio onde tudo nos conta grandes feitos passados, tendo atravessado as maiores vicissitudes, reedificado por um portuguez illustre, propriedade legitima e incontestavel de Portugal, o convento de Palazzola é, para nós, mais que uma simples posada de frades, mais que um logar de villegiatura para seminaristas ou diplomatas, mais que um atractivo de devoção ou de visita — um padrao immorre-



A FEIRA DO MUNDO EM S. LUIZ — A MULTIDÃO COSMOPOLITA NO TERRAÇO DO SALÃO DAS FESTAS

doiro do valor d'um grande portuguez que amou a sua religião tanto como a sua patria e que amou a sua patria e a sua religião acima de tudo no mundo.»

Com estas palavras fecha o auctor o seu livro, onde transparece o coração de um bom portuguez amante do seu paiz, a glorificar outro portuguez benemerito, que pelo amor da patria e da religião, em terra estranha soube honrar a sua nacionalidade.

C. A.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POE.

Ludwig Nölde

Volvido um anno

(Continuado do numero antecedente)

Achava-me eu escripturado no theatro de Brandenburgo, sobre o Hável; residia em um rez-dochão com vista para a rua. Uma bella manhã, estando eu sentado á minha secretaria, que ficava em frente da janella, eis me faz erguer a vista

Pavilhões dos Estados Unidos Palacio de Minas e Metaes Palacio da Instrução Palacio das Bellas Artes Salão das Festas Monumento da Louisiana Cascata e grande tanque Palacio de Horticultura Palacio de Agricultura Uma aldeia das Filipinas Pavilhão Florestal da Pesca e da Caca



Palacio das Manufacturas Entrada principal Palacio da Electricidade Palacio das Machinas Palacio dos Transportes do Pavilhão da Musica Palacio das Industrias Diversas attrações — Aldeia Tyroleza, a S. Luiz velha, Paris antigo e moderno, etc., etc.

A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



D. FREI JOSÉ MARIA DA FONSECA E EVORA



VISCONDE DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

Auctor do livro PALAZZOLA

O CONVENTO DE PALAZZOLA

um leve tamborilar na vidraça, e depara-se-me um individuo, saudando-me com affavel sorriso.

Julguei, a principio, que se houvesse equivocado o forasteiro, pois me eram totalmente desconhecidas as suas feições; fui á janella, abri-a, no intuito de o advertir do equivoco, quando, de subito, me palpitou o seguinte: o haver visto já aquella cara em alguma parte. O forasteiro, o qual dir-se-ia haver-me adivinhado o pensamento, sorriu-se com expressão ainda mais amigavel e meneou a cabeça, contraindo affectadamente os labios e rouquejando, pretencioso, o apellido de «Wüstenfeld».

— Ah! exclamei, o senhor! pois é possível! ? — mas como está mudado!

— Então, que quer! — rouquejou; as circumstancias amoldam o homem, e viram-n'o de dentro para fóra! Mas, não haverá inconveniente em que eu entre em sua casa? — Tenho tanta necessidade de uma boa chavena de café!...

Abri-lhe a porta e deixei-o entrar; Wüstenfeld estava visivelmente demudado, quer no semblante quer no vestuário, usava calça preta, casaco igualmente preto, quasi no fio, e gravata branca; trazia a cara rapada e o cabello cortado á escovinha. Convidei-o a sentar-se, e fiz-lhe café!

— Não me dirá de onde vem e que é que o traz por cá? — indaguei, no entrementes; ao que respondeu:

— Saiba, pois, caro amigo, que desde a ultima vez que nos vimos, tenho-me farto de correr terras, e no entanto, pendurei no cabide a nossa formosa arte dramatica!

— Muito me conta! exclamei — mas como foi

isso, então? — E em que se occupa, actualmente?

— Não é coisa que eu lhe conte assim de chofre, tem que ir devagar e com ordem; receio causar-lhe excessiva impressão. Escute, pois:

O anno passado, quando me despedi do collega em Hildesheim, empreendi uma excursão pela Alemanha-meridional, e por intervenção de um agente theatral de N., sujeito um tanto equivoco, aliás, alcancei, em Alzey, cidade de terceira ordem, na margem esquerda do Rheno, um contracto com um tal director Schlitzer, que explorava ali um theatro. Este Schlitzer não necessitava, afinal, de escripturar artistas supplementares, pois dispunha de uma tão copiosa familia, que podia pôr em scena, sem auxilio extranho, as peças mais espectaculosas. Além da propria pessoa e da da esposa, fazendo as vezes de fiscal e de camaroteiro e representando papeis de dama central, contava ainda nove figuras, a saber: nove filhos, dos quaes o mais velho era uma menina, com vinte e dois annos de idade, e o mais novo, outra menina, com cinco annos; completava a duzia o pae da directora, e cabiam a este as funcções de recebedor dos bilhetes e de armador da plateia, não falando nas suas aptidões de impressor, pois valendo-se de uma prensa-manual, imprimia senhas e bilhetes; pelo lado especial da arte, tornava-se util na qualidade de ponto. Havia ainda um contrapêso, elevando a treze o numero dos membros da companhia, e vinha a ser, um rapaz entre os deseseis e desesete annos, aprendiz de alfaiate, que, por paixão pela arte dramatica, se tinha safado ao mestre, aggregando-se á familia Schlitzer.

Cabiam-lhe a este, na distribuição dos serviços d'aquelle instituto de arte, o desempenhar as duplas funcções de aia e de creado, e alem das horas que lhe cumpria dedicar ao seu encargo artistico, não só manter em ordem o guarda-roupa do theatro, senão ainda olhar pelo vestuario especial a cada um dos membros da familia Schlitzer, escová-lo, batê-lo, melhorar-lhe os defeitos e engraxar o calçado dos cabeças de casal, exceptuando, todavia, o do sogro; incumbia-lhe ainda rachar a lenha e, á mesa, descascar as batatas aos juniores Schlitzers.

E tudo isto sem vencer salario, mas somente casa e o sustento.

Nos dias feriados tinha que levar a passeio os membros infantis da familia Schlitzer e, para educação dos mesmos, fôra industriado a incutir-lhes como principio: que isto de comer é apenas um mau habito, e que, cohibindo-se a gente, conserva — *ipso facto* — a juventude e a formosura, e, circumstancia muito mais importante ainda, uma figura delgada e esbelta.

Applicando esta sua theoria á pessoa do sobre-dito, empenhava a viuva Schlitzer os seus sete sentidos em lhe não consentir descuidos, e se aquelle não tinha ganho em dotes de formosura, sequer ao menos, durante a sua permanencia na companhia Schlitzer, tornára-se esbelto demais, até — não me acho em circumstancias de saber, se elle, de então para cá, engordaria mais alguma coisa — e prometia, aliás, com a provavel perseverança, vir a attingir, no que respeita o delgado da figura, proporções deveras extraordinarias.

Eramos, pois, ao todo, treze pessoas, e nessa conformidade, opinava a directora, uma conta fatidica, sendo infalivel vir a falecer uma das mesmas; podiam muito bem despedir o alfaiate, mas se este lhes saia tão barato e se tornava tão util! Com semelhante fundamento, e a instancias da consorte, mui dada a credices, resolveu o autómédonte do carro de Thespis — que até aquella data, com grande acceitação e a despeito dos seus 34 annos puxadinhos, desempenhava ainda papeis de primeiro actor — joven, e galãs de ponta de scena — contractar a outro interprete das referidas especialidades, e dedicar-se aos papeis de centro.

Verdadeiramente, tratava-se apenas de adquirir um *quatorzêno*, que conjurasse o golpe da foice da morte, imminente sobre a cerviz dos treze restantes, trabalhando, simultaneamente, como o proprio cavallo de varas, e a quem se fizesse sentir, a cada hora, que fôra unica e exclusivamente escripturado na qualidade de quatorzêno, e representando a quinta roda do vehiculo histriónico.

O estipendio proporcional ao cargo foi sofrendo redução, de semana em semana, a ponto tal que o infeliz *quatorzêno*, como unico recurso, para alimentar a vida, se viu na necessidade de se aggregar mais estreitamente á familia Schlitzer, desposando a filha mais velha.

Sorte identica aguardava o quasi faminto aprendiz de alfaiate, assim que houvesse attigido idade casadoira.

Não o surpreenderá, portanto, o facto de me não seduzir em demasia uma tal perspectiva, avaliando, como de certo avalia devidamente, os meus elevadissimos dotes artisticos. E tanto mais, sendo eu, por natureza, sufficientemente delgado e esbelto, e como tal, não julgando conveniente, para conservação do meu physico, sujeitar-me á mais rigorosa dieta, alem d'aquella á que me obriga o descalabro da minha situação financeira.

Eu não descuidára de procurar indirectamente uma escriptura, e como se houvessem logrado quaesquer tentativas nesse sentido, em conclusão, resolvi-me a tentar fortuna por esse mundo, e a calcuarr de theatro em theatro, sollicitando collocação.

Não era, porém, facil tarefa o vêr-me livre da familia Schlitzer, cujo representante e cuja filha primogénita pensavam como Fausto: «Quem te segura, segura o diabo!» Se existe alguém, porventura, nutrido a convicção de que a todo e qualquer homem livre assiste o direito de procurar a sua vida, quando lhe não remuneram o seu trabalho, estou prompto a affirmar a esse alguém que, na opinião dos proprios juris-peritos, não é infalivel esse direito. No citado caso, por exemplo, foi-me sonogada a restituição do meu passe de caminho de ferro, e respectivamente aos meus ordenados em débito, responderam-me que não era motivo para abalar assim, sem mais cerimonia!

Estava franco o caminho da lei, mas muito embora eu appellasse para ella e intentasse um processo ao director, até que alcançasse sentença favoravel, não ficava isentó de cumprir,



PALAZZOLA — INTERIOR DA EGREJA

restrictamente e em todo o sentido, as minhas obrigações para com aquelle.

Alem de que, o director estava empenhadissimo em me não largar da mão, pois onde iria uma companhia de fanico, como a sua, desencantar um actor do meu merecimento; e d'ahi, um genro como eu não é coisa que se encontre para ahi a cada canto.

E foi tão longe a sua anciedade para com a minha pessoa, que me calunhiou, não só aos ouvidos do meu estalajadeiro, mas ainda aos do inspector da policia: que era minha intenção safar-me pregando calote; manobra habil, sem duvida, e que deu em resultado o eu não ser senhor de dar um passo sem um espião agarrado aos calcanhares, passando a viver sob a vigilancia da policia.

Nada havia que esperar de meios conciliatorios, e não tive mais remedio do que appellar para um expediente desesperado afim de me ver livre do meu captivo. Tinha angariado um bom amigo no esguio aprendiz de alfaiate; aquelle diabo estava farto de passar fome e a expectativa do futuro consorcio na familia não era azada a restituir-lhe as forças. Abri-me com elle: —esgueirarmo-nos clandestinamente da cidade e do contracto, e isto tão depressa possível, e não me custou, para que digamos, esforço de rhetorica por ahi alem, persuadi-lo a participar da minha fuga.

Não se fez esperar muito tempo um ensejo feliz para levarmos ávante o nosso intento.

(Continúa).

M. Macedo.

D. Adelina Rossenstok

Pelo fallecimento da sr.^a D. Leonor Lazary antiga professora de piano no Conservatorio, foi provida n'essa cadeira a sr.^a D. Adelina Rossenstok, por meio de concurso brilhante em que alcançou a primeira classificação.



D. ADELINA ROSSENSTOK

D. Adelina Rossenstok, vocação decedida para a musica, cedo se distinguio no curso de piano do Conservatorio, tendo principiado os seus estudos musicos aos 7 annos de idade e concluindo o primeiro curso aos 14 annos e o superior aos 17 sendo seu professor Rey Collaço.

Em varios concertos tem tomado parte, apresentada por seu professor, acolhida sempre com aplauso do publico.

Foi justa a classificação do jury, composto do inspector do Conservatorio, sr. Eduardo Schwalbach e professores sr. Augusto Machado, Matta Junior, Francisco Bahia, Rey Collaço, E. Vieira e Arroyo.

Conta hoje o Conservatorio uma professora distinctissima, de 21 annos apenas e que ali fez sua educação musical.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE I A GRAVIDADE

III—GAZES

(Continuando do n.º 918)

Barometros metallicos.—O barometro aneroid, o mais empregado dos d'esta especie, fundase na elasticidade dos metaes. Consta de uma

caixa cylindrica de cobre, de base cannelada onde previamente se fez o vacuo. Esta caixa transmite movimento a um ponteiro, por meio de uma mola de aço flexivel e duas alavancas.

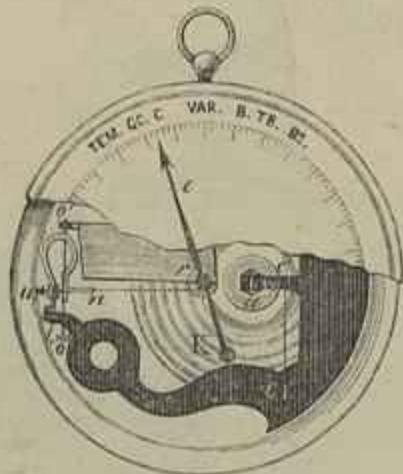


Fig. 37. — Barometro aneroid

Se a pressão augmenta, as bases da caixa, approximando-se, fazem girar o ponteiro para a direita; se a pressão diminui, succede o inverso. O ponteiro gira sobre um quadrante graduado, onde se indica o valor da pressão.

A pressão não é sempre a mesma, n'um dado logar, variando todas as horas. Estas variações podem ser *irregulares* ou *accidentaes*, se não seguem lei nenhuma, por ora, conhecida, ou *regulares* ou *constantes*, no caso contrario. A estas ultimas, denominam-se também *variações diurnas*. No mesmo dia, notam-se sempre dois maximos e dois minimos, a horas certas e invariaveis em occasiões normaes. Costuma-se tomar, para altura normal do barometro, a pressão de 760 millimetros. Em geral, o barometro sobe, quando ha tendencias para o bom tempo, e desce, nas approximacões de tempestade. D'aqui se depreheende uma relação entre a altura barometrica e o estado geral do tempo, baseando-se, n'esta relação, o facto de, ao lado da altura barometrica, estar indicado o estado da atmosfera:

Altura em millimetros	Estado normal do tempo
0,790	Muito secco
780	Seguro
770	Bom tempo
760	Variavel
750	Chuva ou vento
740	Muita chuva
730	Temporal

Em Lisboa, a média da pressão, na altitude de 0,5^a, é de 755,4 millimetros.

Por meio do barometro, podemos, igualmente, medir a altitude de um logar, sabendo se que, por cada millimetro que a pressão desce, subimos 10,5, em altura.

Os effeitos da pressão atmosferica applicam-se a muitos objectos de uso trivial.

A *pipeta* é um tubo de vidro, contendo um reservatorio na parte média. Introduzindo por aspiração, o liquido, na pipeta, e vedando-se, em seguida, o orificio superior d'esta, o liquido não sae, devido á pressão atmosferica que o equilibra.

Nos tinteiros do syphão, succede um facto identico. N'alguns d'esses tinteiros, existe um funil que se ajusta perfeitamente ao bocal do tinheiro, e descendo até ao fundo do reservatorio, onde existe um orificio. Consumida a tinta existente no syphão, é necessario levantar-o um pouco para restituir ao ar interior, a pressão primitiva e a tinta subir pelo orificio do funil.

Compressibilidade.—A maneira que augmentamos a pressão de um gaz, o seu volume vae diminuindo proporcionalmente. Quando esta attingir o dobro da pressão primitiva, o volume do gaz acha-se reduzido a metade, suppondo que durante a experiencia a temperatura se mantem constante. Esta lei é conhecida pela lei de Mariotte que se enuncia da maneira seguinte: Os volumes de um gaz, a uma temperatura constante, variam na razão inversa das pressões a que este se acha submettido.

Demonstrou Mariotte, a sua lei, por meio de um tubo recurvado, de ramos desiguaes, sendo o menor fechado, e o maior, aberto. A este tubo liga-se uma prancha de madeira, graduada em centimetros e millimetros, sendo o zero com-

mum, em ambos os vacuos. Deitou Mariotte mercurio, pelo ramo aberto, até attingir, em ambos os vacuos, o mesmo nivel, ficando, portanto, no vacuo menor, uma porção de ar, que soffre uma pressão igual á da pressão atmosferica. Se deitarmos mais mercurio até que a diferença de nivel seja de 0,760, altura média da pressão atmosferica, reconhece-se que o volume do ar, no tubo menor, se reduziu a metade, soffrendo, este, uma pressão igual a duas atmosferas; uma, a da atmosfera, e outra, a da columna de mercurio. Se, pelo mesmo processo, reduzirmos o volume do ar a um terço, reconhecer-se-ha, também, que a pressão do ar, no tubo menor, será de tres atmosferas, visto que a diferença de nivel, para se obter esse resultado, deve ser igual a duas vezes 0,760.

Denomina-se *atmosfera* uma pressão igual a 0,760 que é, como já dissemos, a altura média da pressão atmosferica.

Fica, assim, demonstrada a lei de Mariotte para o caso em que o ar se vae comprimindo.

Se o ar se dilatar, a mesma lei persiste. N'uma tina prolongada no fundo, em forma de tubo, deitamos mercurio, e n'esta, mergulhamos um tubo recto graduado, o qual recebe mercurio e uma pequena porção de ar, volvendo-se em seguida, o tubo sobre a tina. Fazemos com que o nivel do mercurio no tubo coincida com o nivel do mercurio, na tina, resultando, d'esta forma, o ar existente no tubo estar sujeito a uma pressão igual a uma atmosfera (0,760). Feito isto, mede-se o volume do ar. Elevemos o tubo, afim de que o ar augmente de volume; notar-se-ha que o mercurio se eleva dentro do tubo. Quando a porção do tubo que levantamos, é igual á metade de 0,760, o volume do ar, no tubo, é duplo do volume primitivo e a pressão, de meia atmosfera, visto que a columna de mercurio equilibra a outra meia atmosfera. Elevando mais o tubo até a columna de mercurio attingir a altura igual a dois terços de 0,760, a pressão do ar é, unicamente, de um terço de atmosfera, e o volume do ar, triplo do volume primitivo, e assim successivamente.

Esta lei affasta-se um pouco da verdade, porém, ainda hoje é aceite, por ser muito approximada dos factos reaes.

Os instrumentos que servem para medir as pressões a que os gazes se acham submettidos, denominam-se *manometros*.

Os manometros acham-se graduados em *atmosferas*, sendo esta, como dissemos, a unidade adoptada para esse fim.

O *manometro do ar livre* consta de um tubo comprido de vidro, aberto superiormente, e terminado por uma capsula contendo mercurio, sobre a qual, actua a pressão do gaz, vindo de um tubo que communica com a capsula. O tubo liga-se a uma prancha de madeira, contendo uma escala graduada em *atmosferas*.

Gradua-se este instrumento marcando uma atmosfera no nivel do mercurio na tina, e, em seguida, 2, 3, 4, 5, 6, etc., de 0,760 em 0,760. Visto ser necessario um tubo muito comprido, o que torna o apparelho incommodo e fragil, este manometro é apenas utilizado para pressões não excedentes a 6 atmosferas.

Estes manometros podem igualmente affectar a forma de *syphão*, communicando um dos ramos com o apparelho d'onde provem o gaz, e o outro, com o ar livre.

Nos *manometros de ar comprimido*, o tubo onde está o mercurio, é fechado e contém uma porção de ar que se vae comprimindo, á maneira que a pressão do gaz augmenta.

Manometros metallicos.—Estes manometros fundam-se no seguinte principio: A *pressão exercida nas paredes de um tubo em espiral, tende a desenrolar a, quando a pressão é interior, e a enrolar a em caso contrario.*

(Continúa)

Antonio A. O. Machado.

NECROLOGIA

BISPO DE ANGOLA E CONGO

No dia 12 do corrente falleceu em Palma de Baixo, o sr. D. Antonio José Gomes Cardoso, bispo de Angola e Congo.

Era um sacerdote illustrado, dotado de uma grande energia, e que prestou relevantes serviços na sua diocese contribuindo para o prestigio da egreja n'aquellas remotas paragens.

O sr. D. Antonio Gomes Cardoso, nasceu em S. Cypriano, uma aldeola da freguezia de Santa

Anna de Serapicos, concelho de Valle Passos, diocese de Braga (Traz-os-Montes) a 30 de novembro de 1855.

De janeiro de 1872 a agosto de 1876, fez os preparatorios no lyceu de Villa Real, d'onde passou ao seminario de Braga, cursando theologia de 1876 a 1879. Em outubro do mesmo anno foi para o Collegio da Formiga e ali leccionou durante 5 annos, foi tambem lente no Seminario dos Carvalhos, indo d'ali para Guimarães, onde foi nomeado conego da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Em agosto de 1900 foi nomeado prelado de Moçambique, sendo preconizado bispo titular de Arettuosa, a 23 de dezembro do mesmo anno, e nomeado bispo de Angola e Congo em 14 de agosto de 1901, para onde partiu em 6 de março de 1902.

Esta nomeação foi feita pelo sr. conselheiro Teixeira de Sousa, de quem o finado era amigo particular e conterraneo, quando aquelle estadista geria a pasta da marinha.

Em Angola visitou as missões de Huila, e depois as suas filiaes Jau, Kibita, Santo Antonio dos Gambos, Thipelongo, Humbe, Malange, Libollo e Santo Antonio do Zaire, no Congo.

Foi na missão de Libollo que adoeceu, seguindo logo para Loanda, onde assistiu ás exequias por alma de Leão XIII.

Regressando a Lisboa as melhoras não se accentuaram, como era de esperar com a mudança do clima, e a violenta infecção paludosa, que de todo lhe viciou o sangue, inutilisou completamente os esforços da sciencia, finando-se o illustre prelado com 49 annos incompletos de idade.

Os seus restos mortaes serão transportados para Serapicos, onde repousarão em jazigo proprio.



BISPO DE ANGOLA E CONGO
D. ANTONIO JOSÉ GOMES CARDOSO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Poeticos Lamentos — por Luciano de Araujo, Lisboa, 1904. — São d'um amigo estes versos,

Portugal — Dicionario editado pela empresa do *Recreio* e habilmente organizado e redigido pelos nossos collegas e amigos João Manoel Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues. Sahiu o n.º 76.

O Amor — Poema, por Paulino Dias, vol. 1, 1.º fasciculo. — Nova Goa, 1903.

sentimentaes, expansivos, com idéas e com ritmo, o que é muito raro encontrar em principiantes.

Ha n'elles um fundo de honestidade e seriedade que encanta, embora isso vá passando de moda nos livros e nos homens.

Entretanto como é caso para louvar os que resistem ao espirito da época felicitamos Luciano de Araujo e desejamos que em breve traga á publicidade outros trabalhos como os *Poeticos Lamentos* que todos podem lêr, e que não envergonhando os mestres da lingua mostram não ser alheios ás regras da metrificacão e da poetica como tantos outros livros de versos que por ali andam.

Bolletim officiel do XV congrés international de médecine. — Temos presentes os n.ºs 1, 2 e 3 d'esta magnifica publicação destinada á propaganda dos trabalhos do Congresso Internacional de Medicina que se deve realizar em Lisboa de 19 a 26 de abril de 1906. Os boletins n.ºs 2 e 3 contêm artigos de chronica em que se apresentam as questões de momento e as resoluções mais importantes do comité organisador. E secretario geral da commissão de organisação e de propaganda do congresso o illustre professor dr. Miguel Bombarda.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhores — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA



ATELIER SILVA NOGUEIRA

PHOTOGRAPHO DE SS. Magestades

Operações com as melhores machinas de CARLOS RELVAS. Retoques primorosos, executados pelo proprietario Optima luz, dando aos retratos a completa semelhança do modelo. Trabalhos em platinotypia e outros processos modernos — Preços modicos.

LISBOA — 18, RUA DE D. PEDRO, V. 20 — LISBOA

Succursaes na Praia da Nazareth e Caldas da Rainha

Almanach illustrado do «Occidente» PARA 1905

Está no prelo e em breve sae a publico este annuario illustrado profusamente e com uma linda capa em chromo.

Preço 200 réis

Recebem-se encomendas e annuncios.

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa

Empresa de Carruagens Fidelidade

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences
PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 441, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e corcadas del.º maxas,
clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO

PARIS EM LISBOA CHIADO 77

É a casa de MODAS que
melhor sortido apresenta
em artigos bons elegantes
e de luxo
PREÇOS RECOMENDAVEIS
E FIXOS

